

CARTA PASTORAL

2015/2016



Peregrinos na Santidade

servir e não ser servido.

A todos os fiéis em Cristo, digo de coração: acreditar na santidade de Deus. Deus não ama a todos de forma indiferenciada: ama a cada um. A meta de toda a vida cristã é a santidade.

Não tenhais medo de ser santos!

Abri o coração a Jesus Cristo!

Com Nossa Senhora das Graças, modelo de santidade, por quem Deus deu «*início à Santa Igreja, esposa de Cristo, sem mancha e sem ruga, resplandecente de beleza e santidade*» (Prefácio de 8 de Dezembro), com S. Bento e com todos os Santos e Santas de Deus, tenhamos a coragem e a confiança de ser santos na Misericórdia.

Abraço fraterno

Catedral, Solenidade de S. Bento, nosso padroeiro,
11 de Julho de 2015.

+ José Cordeiro, Bispo de Bragança-Miranda

PEREGRINOS NA SANTIDADE

Caríssimos Diocesanos
Irmãs e irmãos

Com muita alegria e esperança continuamos o nosso Projeto pastoral de 2012 a 2017 sob o lema *(Re)partir de Cristo nos caminhos da missão*. No seguimento do Ano da Fé (2012/2013); do Ano da Vocação (2013/2014); do Ano da Bíblia (2014/2015), prosseguimos agora para o Ano da Santidade. Continuamos igualmente a visitar os documentos do Concílio Vaticano II e este ano estudaremos a Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, *Gaudium et Spes*.¹

A santidade da Palavra ilumina os passos da Igreja peregrina em Bragança-Miranda e S. Paulo recorda-nos: «*Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação*» (1Ts 4, 3). Então, uma pessoa que faz a vontade de Deus é santa. A admonição de S. Paulo na carta aos Tessalonicenses, o primeiro escrito do Novo Testamento, servirá de mote neste ano dedicado à santidade, para situar a santidade, que se funda na vontade de Deus em Jesus Cristo, na vida de todos os dias na alegria, no trabalho, na oração, na gratidão e na acção de graças (cf. 1 Ts 5, 16-18). Para ser santo não é preciso fazer coisas estranhas. A vontade de Deus é expressa em toda a Bíblia, desde o Génesis ao Apocalipse, bem saliente na afirmação «*criou-os à Sua imagem e semelhança*» (Gn 1, 26).

¹ A Constituição é pastoral, «porque, apoiando-se em princípios doutrinários, pretende expor as relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje. Assim, nem à primeira parte falta a intenção pastoral, nem à segunda a doutrinal» Nota 1 do prólogo da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

A Gaudium et Spes, número 43, convida à unidade de vida no caminho da santidade: o «divórcio entre a fé que professam e o comportamento quotidiano de muitos deve ser contado entre os mais graves erros do nosso tempo. Já no Antigo Testamento os profetas denunciam este escândalo; no Novo, Cristo ameaçou-o ainda mais veementemente com graves castigos. Não se oponham, pois, infundadamente, as atividades profissionais e sociais, por um lado, e a vida religiosa, por outro. O cristão que descuida os seus deveres temporais, falta aos seus deveres para com o próximo e até para com o próprio Deus, e põe em risco a sua salvação eterna».

O Evangelho difunde-se quando os seus servidores se convertem, porque a vontade de Deus é a nossa santificação, como no-lo apresenta eloquentemente a Constituição sobre a Igreja *Lumen Gentium*, no feliz capítulo quinto sobre a vocação de todos à santidade: «a nossa fé crê que a Igreja, cujo mistério o sagrado Concílio expõe, é indefetivelmente santa. Com efeito, Cristo, Filho de Deus, que é com o Pai e o Espírito “o único Santo”, amou a Igreja como esposa, entregou-Se por ela, para a santificar (cf. Ef. 5, 25-26) e uniu-a a Si como Seu corpo, cumulando-a com o dom do Espírito Santo, para glória de Deus. Por isso, todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1 Tes. 4, 3; cf. Ef. 1, 4)» (n.º 39).

O Ano pastoral da santidade está em harmoniosa relação com a proclamação de um Jubileu extraordinário, dedicado à Misericórdia, pelo Papa Francisco: «centralizado na misericórdia de Deus. Será um Ano Santo da Misericórdia. Queremos vivê-lo à luz da palavra do Senhor: “Sede misericordiosos como o vosso Pai” (cf. Lc 6, 36). A

mesmo Santo dizia: «A Igreja precisa de santos. Todos somos chamados à santidade, e só os santos podem renovar a humanidade».

Queridas pessoas jubiladas e mais idosas, sabeis que envelhecer é estar mais próximo de Deus. Por isso, vos convido a viver com serenidade e paciência, mas com muita esperança, a vida. Rezai e partilhai a vossa sabedoria acumulada com os filhos e netos e com todos os que vos visitam em casa própria ou nas casas onde agora vos encontrais.

Caríssimos consagrados e consagradas, ao viver os conselhos evangélicos na vida fraterna em comunidade, manifestai o único absoluto e sede profecia do Reino de Deus; Ele escolheu-vos, de uma forma especial, para serdes na Igreja um desafio à santidade. A vossa vocação e o vosso viver, na plenitude de um amor fecundo, anunciam ao mundo que é possível viver de Deus e tê-lo como a única ambição da vida. Que a profundidade do vosso encontro com Deus traga o seu abraço aos que carecem de carinho e de sentido para a vida; que a autenticidade das vossas relações fraternas seja bálsamo para as chagas do relacionamento humano.

Caríssimos irmãos sacerdotes, o nosso ministério é um verdadeiro veículo da santidade de Deus para o seu povo. Mais do que um mero manusear das coisas santas, somos convidados a configurar-nos com o Santo dos Santos, agindo na sua pessoa, tonando-nos mananciais da sua bênção e dando, pelo testemunho de vida, credibilidade ao Evangelho que anunciamos. Mostrai os mistérios de Cristo na alegria da vossa vocação de irmãos e de pastores. É preciso que a nossa ação pastoral desabroche de uma verdadeira santidade de vida.

Caríssimos Diáconos, o vosso serviço seja expressão generosa da caridade de Cristo, que veio para

- Considerar a oração mariana da Salvé Rainha, Mãe de Misericórdia;
- Escrever uma breve biografia do (s) santo(s) da Semana no jornal *Mensageiro de Bragança* e na página Web da Diocese.

Conclusão

«Ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus – diz Francisco – todos conhecem o caminho para ter acesso a ela e a Igreja é a casa que todos acolhe e a ninguém rejeita. Suas portas permanecem escancaradas, a fim de que aqueles que foram tocados pela graça possam encontrar a certeza do perdão. Maior é o pecado e maior deve ser o amor que a Igreja expressa para com aqueles que se convertem».

Queridas crianças! Às vezes, quando quereis alguma coisa do pai, pedis à mãe para que peça ao pai o que quereis. Também assim faziam os pastorinhos de Fátima e por isso rezaram a Nossa Senhora para interceder junto de Deus. Por isso, eu vos digo neste Ano da santidade e da misericórdia, como disse a Senhora de Fátima que nos visitou: rezai, rezai muito.

Caríssimos Jovens, que já fostes crismados ou sereis confirmados com o azeite perfumado da alegria, sede discípulos missionários do Evangelho e vivei a alegria da fé da Igreja.

Caríssimos casais e famílias, gostaria de renovar o convite de São João Paulo II na *Familiaris Consortio*: *«Todos os cônjuges são chamados, segundo o plano de Deus, à santidade no matrimónio e esta alta vocação realiza-se na medida em que a pessoa humana está em grau de responder ao mandato divino com espírito sereno, confiando na graça divina e na vontade própria».* O

finalidade é tornar mais evidente que a missão da Igreja é a de ser testemunha da misericórdia». O grande desafio é o de peregrinarmos na santidade, sendo misericordiosos como o Pai.

A vocação à santidade e a misericórdia caminham juntas. Este momento extraordinário de graça e de renovação espiritual, torna-nos peregrinos com Cristo e como Cristo nos caminhos da nossa vida.

1. Peregrinos na santidade

Redescobrir a santidade como vocação batismal é um convite para todos e não um privilégio para poucos. Este é um imperativo para todos e para cada um de nós, como exorta o autor da carta aos Hebreus: *«procurai a paz com todos e a santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor»* (Hb 12,14).

Ao iniciar o segundo milénio, S. João Paulo II apontou a santidade como a medida alta da vida cristã: *«Em primeiro lugar, não hesito em dizer que o horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a santidade. (...) Pode-se porventura “programar” a santidade? Que pode significar esta realidade na lógica dum plano pastoral? Na verdade, colocar a programação pastoral sob o signo da santidade é uma opção carregada de consequências. Significa exprimir a convicção de que, se o Batismo é um verdadeiro ingresso na santidade de Deus através da inserção em Cristo e da habitação do seu Espírito, seria um contrassenso contentar-se com uma vida medíocre, pautada por uma ética minimalista e uma religiosidade superficial. Perguntar a um catecúmeno: “Queres receber o Batismo?” significa ao mesmo tempo pedir-lhe: “Queres fazer-te santo?” Significa colocar na sua estrada o radicalismo do Sermão da Montanha:*

“Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste” (Mt 5, 48)».

Também a Conferência Episcopal Portuguesa, conforme a nota pastoral *Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal*, propôs-se trilhar em comunhão, num só coração e numa só alma, alguns rumos, colocando em primeiro lugar o Primado da graça e a nova mentalidade, no sentido de «*formar comunidades assentes no primado da graça, da contemplação, da comunhão e da oração, sabendo todos bem, pastores e fiéis leigos, que o essencial da vivência cristã e dos frutos pastorais na vida da comunidade não depende tanto do nosso esforço de programação e da multiplicação dos nossos passos e afazeres, mas depende sobretudo da transformação da nossa mente e da conversão do nosso coração operadas pela ação da graça de Jesus Cristo, que disse: “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15, 5). Neste sentido, queremos intensificar a oração pessoal e comunitária, dar a todas as ações litúrgicas a dignidade que lhes é devida, valorizar a celebração dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, criar grupos de escuta e partilha da Palavra de Deus*».

A vida cristã só tem sentido como vida em Cristo. Deus é o Santo e, na Sua santidade, somos chamados à mesma santidade de vida. Isto mesmo reza a Igreja na Liturgia: «*Vós Senhor sois verdadeiramente Santo, sois a fonte de toda a santidade*» (Oração Eucarística II). Deus é a vida dos Santos.

Por isso S. Pedro, na sua primeira carta, faz uma exortação a todos os cristãos: «*Como filhos obedientes, não vos conformeis com os antigos desejos do tempo da vossa ignorância; mas, assim como é santo aquele que vos chamou, sede santos, vós também, em todo o vosso proceder, conforme diz a Escritura: Sede santos, porque*

a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história».

Apontamos algumas propostas para este ano:

- Continuar a fazer da Liturgia, a primeira escola da fé;
- Rezar continuamente pelas vocações;
- Confiar em Deus e na Palavra da Sua Graça;
- Santificar a vida pessoal, familiar e paroquial no quotidiano;
- Celebrar com maior dedicação a solenidade de Todos os Santos;
- Dignificar a festa dos Santos;
- Valorizar a festa do Padroeiro da Diocese, da Paróquia, da Unidade Pastoral, da família e cada um de nós;
- Organizar um dia de retiro aberto em cada Arciprestado;
- Peregrinar a uma ou às cinco “*Portas da Misericórdia*” na Diocese: a Catedral, a Concatedral, a Basílica do Santo Cristo de Outeiro, o santuário do Imaculado Coração de Maria de Cerejais e o santuário de Nossa Senhora de Balsamão;
- Estar presente no IV Congresso Eucarístico Nacional em Fátima, de 10 a 12 de Junho de 2016;
- Promover uma peregrinação diocesana a Fátima, de 10 a 12 de junho de 2016, para retribuir a inesquecível visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima à nossa Diocese de 12 a 26 de Julho de 2015;
- Participar com um grupo grande de jovens na Jornada Mundial da Juventude em Cracóvia, Polónia;
- Realizar uma peregrinação diocesana a Roma;
- Conhecer e praticar as 14 obras de Misericórdia corporais e espirituais;
- Recitar ou cantar a Ladainha dos Santos algumas vezes durante o Ano;

deserto, o desconforto absoluto, o rigor impossível» (David Turol). A santidade de Deus e a Sua santidade nos santos são a presença da salvação no mundo. Os santos acompanham o peregrinar da Igreja na misericórdia e na paz e apontam sempre a promessa da alegria e da Esperança.

O Papa Francisco encoraja-nos a acompanhar os jovens em percursos de santidade, ao dizer: «*A vós, Bispos, sacerdotes, religiosos, comunidades e famílias cristãs, peço que orienteis a pastoral vocacional nesta direção, acompanhando os jovens por percursos de santidade que, sendo pessoais, acrescenta, citando São João Paulo II: “exigem uma verdadeira e própria pedagogia da santidade, capaz de se adaptar ao ritmo dos indivíduos; deverá integrar as riquezas da proposta lançada a todos com as formas tradicionais de ajuda pessoal e de grupo e as formas mais recentes oferecidas pelas associações e movimentos reconhecidos pela Igreja”*».

5. Propostas pastorais

A Constituição conciliar *Gaudium et Spes*, que nos acompanhará ao longo deste Ano pastoral, começa logo no primeiro número por nos desafiar à santidade: «*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo,*

Eu sou santo» (1Pd 1, 14-16).

No Credo, professamos: «*Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica*». Assim, afirmamos a santidade da Igreja, uma característica presente desde o início na consciência dos primeiros cristãos que se chamavam simplesmente «santos» (cf. At 9, 13.32.41; Rom 8, 27; 1Cor 6, 1), pois tinham a certeza de que é a obra de Deus, o Espírito Santo, que santifica a Igreja.

Mas o que quer dizer «Igreja santa», se vemos que a Igreja, ao longo da história, enfrentou tantas dificuldades, problemas e momentos obscuros? «*Como pode ser santa uma Igreja feita de seres humanos, pecadores? Homens pecadores, mulheres pecadoras, sacerdotes pecadores, religiosas pecadoras, bispos pecadores, cardeais pecadores, um Papa pecador? Todos. Como pode ser santa uma Igreja assim?*» (Papa Francisco).

O Apóstolo S. Paulo, tendo como exemplo as relações familiares, afirma que «*Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela, para a santificar*» (Ef 5, 25-26). Cristo amou a Igreja, entregando-Se totalmente na cruz. Isto significa que a Igreja é santa porque procede de Deus, que é santo e lhe é fiel, não a abandonando ao poder da morte e do mal (cf. Mt 16, 18). É santa porque Jesus Cristo, o Santo de Deus (cf. Mc 1, 24), se une a ela de modo indissolúvel (cf. Mt 28, 20); é santa porque se deixa guiar pelo Espírito Santo que a purifica, transforma e renova. Não é santa pelos nossos méritos mas porque Deus a torna santa, porque é fruto do Espírito Santo e dos seus dons. É sempre Deus que santifica a Igreja.

A medida alta é a comunhão com Deus: «*A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por*

amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador» (Gaudium et Spes 19).

O Papa Francisco dá-nos o verdadeiro sentido da peregrinação ao dizer, na Bula *Misericordiae vultus* de proclamação do jubileu extraordinário da Misericórdia que acontece no nosso Ano da Santidade: «*A peregrinação é um sinal peculiar no Ano Santo, enquanto ícone do caminho que cada pessoa realiza na sua existência. A vida é uma peregrinação e o ser humano é viator, um peregrino que percorre uma estrada até à meta desejada. Também para chegar à Porta Santa, tanto em Roma como em cada um dos outros lugares, cada pessoa deverá fazer, segundo as próprias forças, uma peregrinação. Esta será sinal de que a própria misericórdia é uma meta a alcançar que exige empenho e sacrifício. Por isso, a peregrinação há-de servir de estímulo à conversão: ao atravessar a Porta Santa, deixar-nos-emos abraçar pela misericórdia de Deus e comprometer-nos-emos a ser misericordiosos com os outros como o Pai o é connosco» (n.º 14).*

Na nossa Diocese propomos a peregrinação a cinco portas da Misericórdia: 1.ª Catedral; 2.ª Concatedral; 3.ª Basílica do Santo Cristo em Outeiro; 4.ª santuário do Imaculado Coração de Maria em Cerejais; 5.ª santuário de Nossa Senhora de Balsamão.

2. Alegria e gratidão

S. Lucas, o evangelista da misericórdia, narra uma parábola sobre o risco da oração ou da Graça: «*Jesus disse a seguinte parábola para alguns que se consideravam justos e desprezavam os outros: “Dois homens subiram*

em diversas dioceses. De Lisboa veio para a Diocese de Bragança-Miranda (1934-1943), fundou em 1937 a revista *Stella* e, em 1940, o jornal diocesano *Mensageiro de Bragança*, do qual foi o primeiro diretor. Serviu ainda a Igreja diocesana no Seminário de S. José, no Patronato de Santo António, na Cúria diocesana e na Santa Casa da Misericórdia de Bragança.

Na vida Formigão emergem os elementos que sempre a informaram: simplicidade, humildade, sensibilidade, generosidade. Professor, escritor e poeta, pôs todo o seu engenho e arte de ser padre ao serviço da mensagem de Nossa Senhora em Fátima.

A 15 Setembro de 2001 procedeu-se à abertura oficial do processo em ordem à sua Canonização.

4.7. Outros peregrinos santos

Temos muitas testemunhas da santidade na nossa Diocese. Lembramos os bispos, os presbíteros, os diáconos, os consagrados e consagradas, os leigos e leigas, mães, pais, avós, filhos de todas as idades e vocações. Graças a Deus, são tantos os santos e santas anónimos na nossa amada Diocese, das nossas famílias, das nossas Paróquias, das nossas Unidades pastorais e dos movimentos eclesiais.

Na verdade, «*Nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objetivo: continuar, sob a direção do Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido» (Gaudium et Spes 3).*

Sem Nossa Senhora e os santos não se entende bem o cristianismo, porque não alcançamos o mistério da encarnação de Jesus Cristo. Na verdade, «seria o

Congregação das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado.

Apesar do seu esforço e perseverança em prol da “santa causa” como ela e sua amiga chamaram ao sonho que nas suas almas Deus semeara, a Congregação iniciou com a intervenção de outras duas senhoras. Viu realizado o seu desejo quando a 13 de Junho de 1945 foi admitida ao Noviciado e a 15 de Agosto assumiu a profissão dos Conselhos Evangélicos, adotando o nome de Irmã Maria de S. João Evangelista. Um ano depois D. Abílio Vaz das Neves, à altura Bispo de Bragança-Miranda, assinava o Decreto de ereção canónica da sua Congregação que tem atualmente doze comunidades na nossa Diocese.

A Ir. S. João era uma mística. Muitas pessoas que a conheceram e com ela conviveram registam numerosos factos que as edificaram e sentem enorme gratidão pelas graças que, com a sua oração, obteve de Deus. Pela sua vida de oração profunda e intenso amor a Jesus, pela sua caridade, espírito de sacrifício e incondicional obediência continua sendo hoje para nós um incentivo a fazer da vida, com Jesus, uma Eucaristia permanente.

Faleceu com 94 anos, depois de prolongada doença, no dia de Corpo de Deus, sua festa predilecta, a 10 de Junho de 1982, com fama de santidade.

5.6. Manuel Nunes Formigão

Manuel Nunes Formigão nasceu em Tomar em 1883. Realizou os seus estudos no Seminário Patriarcal de Santarém e em Roma (1903-1909), onde ocorreu a sua ordenação sacerdotal em 1908.

Regressado a Santarém, foi nomeado professor do Seminário Patriarcal do Seminário e no Liceu. Depois, iniciou um período que o levou a prestar serviço

ao templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. O fariseu, de pé, orava assim: ‘Meu Deus, dou-Vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de todos os meus rendimentos’. O publicano ficou a distância e nem sequer se atrevia a erguer os olhos ao Céu; mas batia no peito e dizia: ‘Meu Deus, tende compaixão de mim, que sou pecador’. Eu vos digo que este desceu justificado para sua casa e o outro não. Porque todo aquele que se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”» (Lc 18, 9-14).

Jesus tem a coragem de denunciar que há oração que nos pode separar de Deus e até de nos tornar ateus. Ele fala, pedagogicamente, da beleza, da alegria e da verdade da oração contra os bem pensantes do tempo “*que se consideravam justos e desprezavam os outros*”, a partir do fariseu e do publicano: dois personagens e dois mundos em que as aparências iludem mesmo.

O fariseu submete-se ao jejum, mais do que o estabelecido, para expiar os pecados dos outros, aparecendo como um verdadeiro observante da Lei e um herói do altruísmo. Em hebraico, “fariseu” significa ‘separado’. “Eu” – disse o fariseu – não sou como este publicano. Eu sou único, não sou como os outros. O fariseu está separado de Deus, não se confronta com Ele mas a sua medida são os outros; adora o próprio coração; basta-se a si mesmo; todos os verbos que usa estão na primeira pessoa; esqueceu a palavra mais importante do mundo “tu”, agradece, é certo, não pelo que Deus fez nele e por ele, mas o que ele fez por Deus e pelos outros.

Ao contrário, o publicano nem se ocupa da Lei nem do próximo, cobrando os impostos aos próprios concidadãos para o poder romano. Todavia, o publicano,

tido como pecador público, dirige toda a sua oração a Deus; põe no centro a misericórdia de Deus; descobre a palavra fundamental “tu”, na humildade do coração orante: “*Meu Deus, tende compaixão de mim, que sou pecador*”. Também o cego de Jericó suplica: «*Jesus, Filho de David tende piedade de mim*» (Lc 18, 38-39). Estas súplicas dão origem ao *Kyrie Eleison* na Eucaristia e à oração do coração (hesicismo).

A oração não consiste em falar com Deus, mas em escutar e estar com Deus. João Cassiano (século V) recomendava aos que queriam aprender a rezar e a rezar continuamente que recorressem a um pequeno verso da Bíblia e que o repetissem muitas vezes, como este: “*Senhor, tende compaixão de mim, que sou pecador*”. Aos jovens e sobretudo aos seminaristas tenho recomendado outro: «*eis-me aqui, envia-me*» (Is 6, 8).

Santa Teresa de Ávila foi uma grande mestra de oração, descrevendo-a de maneira simples: «*uma relação de amizade ... com quem sabemos que nos ama*».

«*Quem se humilha será exaltado*». A humildade é a base da oração e a disposição necessária para receber a justiça gratuita de Deus e encontrar o seu rosto. A oração pede humildade, isto é, adesão à realidade e ao húmus de que somos feitos. «*A humildade no amor é uma força terrível, a mais poderosa, nada se iguala a ela*» (Dostoiévski). Onde existe humildade há beleza e verdade, porque há abertura do coração e da inteligência ao amor. Por outro lado, onde existe orgulho há um sentido de superioridade e de desprezo dos outros.

2.1. A oração do peregrino

A parábola destes dois homens que subiram ao

uma vontade forte. Depois de uma procura intensa e dolorosa da sua vocação e depois de ouvir contar os graves danos que um seu irmão de sangue causara à Jovem Congregação do Marianos, entrou nessa mesma congregação, dizendo: “Eu quero reconstruir o que o meu irmão destruiu”. Foi este sim firme e o seu amor sincero à sua vocação de Mariano da Imaculada Conceição que orientou toda a sua vida. Dedicou-se corajosamente à renovação e expansão da Ordem, vencendo o acomodamento e a hostilidade dos irmãos de comunidade; promoveu, entre o povo cristão, a verdadeira devoção a Nossa Senhora, que consiste na Imitação das suas virtudes. O seu zelo missionário trouxe até Portugal. Depois de muitas tribulações, sofridas em Lisboa, veio para o monte de Balsamão onde teve a alegria de ver surgir a primeira comunidade dos Marianos em Portugal. Na sua breve passagem nesta diocese, pela sua autenticidade evangélica, tocou o coração daqueles que o conheceram, tendo ficado na memória do povo como “o santo Polaco”.

4.5. Alzira da Conceição Sobrinho

Alzira da Conceição Sobrinho, nasceu na aldeia de Pereira, no concelho de Mirandela, a 4 de Abril de 1888.

Desde muito nova distinguiu-se por uma ardente devoção à Eucaristia. O seu amor a Jesus levou-a à oferta total da sua vida. Deixando-se abrir a esse amor, Alzira sentiu a inspiração para fundar uma Congregação com Carisma Eucarístico, desde 1916. Todavia, durante muitos anos sustentou com D. Maria Augusta Martins, sua conterrânea, amiga e confidente, uma acesa luta e paciente espera, debaixo de numerosas tribulações, mas sempre sob a tutela da obediência, até ver Fundada a

neos. Eram eles: Bento de Castro e Nicolau Dinis.

Bento de Castro nasceu em Chacim, concelho de Macedo de Cavaleiros. Filho de Jorge de Castro e Isabel Brás, entrou na Companhia de Jesus com 17/18 anos a 2 de Agosto de 1561. Frequentou o Colégio do Santíssimo Nome de Jesus em Bragança e estudava em Coimbra, no 2.º ano de Filosofia, quando soube que iria para o Brasil para dar testemunho da sua fé. Bento de Castro estava vocacionado a ser padre e, durante a viagem, foi incumbido da catequese dos passageiros. Mas, a maior catequese aconteceu quando, cheio de coragem, foi o primeiro a morrer, por não desistir de Cristo, sendo atirado, já ferido, ao mar.

4.3. Nicolau Dinis

Nicolau Dinis também frequentou o Colégio do Santíssimo Nome de Jesus em Bragança. Era conhecido pela sua alegria e bom humor. Para além de lhe ser reconhecida muita graça a representar, foi um dia surpreendido a dançar, e a grande alegria que o caracterizava, atribuí-a à sua fé e ao desejo de dar testemunho de Cristo. Teria 17 anos quando foi lançado vivo ao mar.

Estes jovens transmuntanos, com os olhos postos na missão evangelizadora do Brasil, são um desafio a seguirmos Cristo sem medos. Neste Ano da santidade e da misericórdia, como não nos deixarmos contagiar pelo seu vivo entusiasmo, pela sua fé corajosa e verdadeira?

Rumo ao Homem Novo, alinhadas no carácter destes jovens crentes?

4.4. Casimiro Wyszynski

O Frei Casimiro (1700-1755) foi um homem de

Templo para rezar, coloca-nos a questão da autenticidade da oração. A atitude orante deles é contrastante, o fariseu reza todo perfilado sobre si mesmo e o publicano exprime a sua contrição ficando à distância. A oração do fariseu é uma aparente ação de graças, porque, na realidade, ele louva-se a si mesmo.

Rezar é passar do monólogo ao diálogo. Rezar é como querer bem. O centro da oração não é o que eu faço, mas o que Deus realiza. «*Não se reza para receber, mas para ser transformados*» (Kierkegaard) e amar com o coração de Deus. Não basta o culto externo e o formalismo autossuficiente; é preciso a alegria da fé. O publicano não é o modelo do homem religiosamente correto, mas do homem de fé; por isso desceu alegre e perdoado para sua casa, ao contrário do fariseu.

Há um texto de Pascal que nos ajuda a entender melhor o risco feliz da oração: «*conhecer Deus sem conhecer a nossa própria miséria conduz-nos à soberba. Conhecer a nossa miséria sem conhecer Deus conduz-nos ao desespero. Conhecer Jesus Cristo permite-nos estar ao mesmo tempo diante de Deus e da nossa miséria*».

Deus, ao criar o homem, criou-o para ser santo, como se diz na Oração Eucarística I das Missas da Reconciliação: «*Senhor, Pai Santo, que desde a origem do mundo, tudo fazeis para ajudar o homem a ser santo como Vós sois santo, olhai para o vosso povo aqui reunido e enviai o vosso Espírito Santo, a fim de que estes dons se convertam para nós no Corpo e Sangue do vosso amado Filho, Jesus Cristo, no qual também nós somos vossos filhos*». Nós somos chamados, com efeito, a ser santos entre os Santos aqui e agora e por toda a eternidade.

Ora et labora é o lema de S. Bento, o nosso padroeiro, e dos beneditinos. Mas, pensando bem, no mesmo *labora* está contido o *ora*. *Lab-ora = labia et ora*,

isto é, depois do *ora*, a própria oração torna-se ação – o que sai dos lábios do orante, torna-se vida. No dizer de S. Bento, quando rezamos (salmodiamos): «*que o nosso espírito concorde com a nossa voz*». Então, salmodiar e rezar é escutar a Palavra de Deus e responder-lhe. Na Abadia de Santo Anselmo no monte Aventino em Roma, quando se entra na Basílica pelo lado da *statio* dos monges no primeiro claustro existem duas inscrições anónimas em mosaico que exprimem de modo muito feliz o que estamos a refletir: «*se o coração não reza em vão a língua trabalha*» e ainda «*diante de Deus não estejamos de coração vazio*».

Na verdade, o cristão não tem que inventar uma nova oração. Ele recebe da Igreja o “cânon da oração”: os Salmos, a leitura da Escritura, a intercessão, o Pai-Nosso e o cume da própria oração, que é a Eucaristia, o sacramento dos sacramentos.

Rezo porque não posso viver sem mistério. Rezo para pedir Deus a Deus. Como relatou na sua experiência, a jovem Ety Hillesum: «*Ontem à noite, pouco antes de me ir deitar, dei por mim, de repente, ajoelhada na alcatifa, no meio desta grande sala, entre as cadeiras de metal. Assim. Sem mais nem menos. Puxada para o chão por algo mais forte do que eu. Faz tempo, tinha dito de mim para mim: “Vou ver se consigo ajoelhar-me”. Tinha ainda muita vergonha desse gesto tão íntimo como os gestos do amor, todos gestos de que ninguém consegue falar. A não ser um poeta (...). A força criadora é, afinal de contas, uma parte de Deus. As pessoas precisam é de ter a coragem de o dizer (...). Estas palavras acompanharam-me semanas a fio. É preciso é ter a coragem de o dizer. A coragem de pronunciar o nome de Deus*».

É muito expressiva uma resposta de K. Rahner aos jornalistas: «*oiça, eu não acredito em Deus por ter*

romeu até ao documento Ecclesiae Imago, diretório para o ministério pastoral dos bispos (1973) depois reapresentado sob o nome de Apostolorum sucessores em 2004».

O grande Bispo, Bartolomeu dos Mártires, entendia que a visita pastoral é quase a alma do governo episcopal, como uma expansão da presença espiritual do Bispo entre os seus fiéis. Com efeito, para o Bispo ou o Pastor, como o recordam tantos santos Mestres, «o mais importante é conhecer o povo do Senhor que lhe está confiado». A Visita Pastoral é um autêntico tempo de graça e momento especial, antes único, para o encontro e o diálogo do Bispo com os fiéis.

O Mons. José de Castro, ilustre membro do Presbitério de Bragança-Miranda, cujos aniversários, os 130 anos do nascimento e os 50 anos da morte celebraremos em 2016, expressou em 1945 o sonho da canonização de Bartolomeu dos Mártires e da sua proclamação como Doutor da Igreja. Gostaríamos muito de ver inscrito no álbum dos santos o nome do Beato Bartolomeu dos Mártires e, porque não, no álbum dos Doutores da Igreja!

4.2. Bento de Castro

No dia 15 de Julho de 1570, perto das Ilhas Canárias, quarenta jovens jesuítas foram intercetados por calvinistas que, sabendo-os missionários católicos, os lançaram ao mar. O seu destino era o Brasil, onde iam colaborar na evangelização.

Chefiados pelo Padre Inácio de Azevedo, estes 32 portugueses e 8 espanhóis foram beatificados pelo Papa Pio IX, em 11 de Maio de 1854, e são conhecidos como mártires do Brasil. Em direção a este grande continente, seguiam dois jovens transmontanos, nossos conterrâ-

Arquidiocese de Braga e no território que hoje corresponde à atual Diocese de Viana do Castelo e parte da Diocese de Vila Real e da Diocese de Bragança-Miranda, que pertenceu a Braga até 1881. Este notável Arcebispo participou no Concílio de Trento, onde ficou conhecido pelo Bracarense. Aquando do seu regresso do Concílio, entrou na sua vasta Arquidiocese pela magnífica vila de Freixo de Espada à Cinta.

Bartolomeu encarnou o perfil de Bispo ideal por ele defendido em Trento e escreveu no seu livro *Estímulo de Pastores: «três coisas se requerem no prelado: 1.ª – pureza de intenção, que consiste nisto: desejar mais servir que presidir; procurar em tudo não a honra, não a própria comodidade, mas a pura vontade de Deus e a salvação das almas; 2.ª – conversação santa e irreprensível, para que de nenhum modo se possa objectar-lhe: médico, cura-te a ti mesmo; 3.ª – humildade interior e sincera, para que não presuma interiormente ou se glorie da própria santidade, como usurpador e ladrão da glória que só a Deus é devida, em quem deve confiar e de quem deve depender»*. É um programa que abre à coragem da esperança e sublinha no coração do bispo: a caridade, a sabedoria, a retidão e a justiça.

O Cardeal Carlo Martini, de viva memória, referiu-se no seu livro *O Bispo*, a Bartolomeu: *«Tudo o que respeita à autoridade é reconduzido ao pastor supremo, do qual os responsáveis são colaboradores. As virtudes indicadas são: disponibilidade, desinteresse, humildade, tornar-se modelos do rebanho. Este é o ponto de partida para aqueles que serão os grandes tratados acerca do exercício da autoridade na Igreja, da Regula pastoralis de S. Gregório Magno aos vários escritos do século XVI, como o Stimulus pastorum de Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga, muito estimado por S. Carlos Bor-*

conseguido dar resposta a todas as questões, para satisfação da minha mente. Eu continuo a acreditar em Deus porque rezo todos os dias».

Com a Bíblia, no belo Cântico dos Cânticos podemos rezar: *«Mostra-me o teu rosto, deixa-me ouvir a tua voz. A tua voz é suave e o teu rosto encantador»* (Ct 2, 14).

Cada cristão, a nível pessoal, ou melhor, em família e na comunidade cristã pode rezar com a simplicidade e a alegria do coração. A família, por ser 'Igreja doméstica' é escola de oração, como recorda o Papa Francisco: *«“Padre, eu quero rezar, mas há tanto que fazer! Devo cuidar dos meus filhos; tenho os deveres de casa; estou demasiado cansado até mesmo para dormir bem”. Isto até pode ser verdade; mas, se não rezarmos, nunca conheceremos a coisa mais importante de todas: a vontade de Deus a nosso respeito»*.

3. A Igreja peregrina, sempre “em saída”

3.1. Primeirar

O Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, refere-se à transformação missionária da Igreja, apresentando cinco verbos que caracterizam a graça e a vocação da evangelização: primeirar, envolver, acompanhar, frutificar e festejar.

A alegria do Evangelho empurra a Igreja para a Missão, ou seja: *«A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor* (cf. 1

Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa!» (Evangelii Gaudium 24).

Com o estímulo do verbo primeirar, abrem-se cinco dinamismos para o discípulo missionário de Jesus Cristo e do seu Evangelho:

A) *Tomar a iniciativa sem medo*, como a amendoieira que descreve, desde a flor ao grão, a epifania de um tempo novo: o tempo de Deus. E este é o tempo de não ter medo do encontro e da relação.

B) *Ir ao encontro*, para mostrar Cristo e colaborar com Ele no anúncio do Evangelho, obedecendo aos seus mandatos: ide, batizai em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinai a todos os povos, curai (cf. Mt 28, 19); fazei isto em memória de mim (Lc 22, 19) e amai-vos uns aos outros como Eu vos amei (Jo 13, 34).

C) *Procurar os afastados*, para nos sentirmos um só e o mesmo corpo de Cristo que vive a alegria da fraternidade. As periferias têm de sentir a centralidade do amor e da alegria. Que ninguém se sinta afastado e sobretudo que ninguém se afaste por nossa causa.

D) *Chegar às encruzilhadas dos caminhos*, compromete a sair dos meios habituais e deixar-se conduzir pela ação do Espírito Santo que nos leva a todos os lugares e até aos não lugares para incluir a todos no amor de Deus.

E) *Convidar os excluídos*, porque a Igreja é casa da inclusão dos excluídos. Ninguém pode ficar de fora. Todos somos chamados à vida em abundância que Jesus Cristo quer oferecer a todos como fonte que corre para

tentação do dinheiro nas fitas das imagens; Deve cuidar-se a modéstia, a humildade e a discrição, como Jesus recomenda no Evangelho: «Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita» (Mt 6, 3).

- A Liturgia, lugar da relação com Cristo, na escuta da Palavra, na experiência do mistério e na espera da sua Glória.

A beleza da Liturgia é a arte de rezar com nobre simplicidade nos gestos e orações, na música, no canto, na palavra, no silêncio, nas procissões, na piedade popular, na alegria do coração. A festa e as festas são para dar sentido à vida ou, como dizia Santo Atanásio no séc. IV: «Cristo ressuscitado faz da vida do ser humano uma contínua festa».

4. Peregrinos na santidade em Bragança-Miranda

O dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa expressa-se assim acerca dos bem-aventurados: «*peessoa que tem sorte, que é feliz. Pessoa que foi considerada santa, que goza a felicidade celeste*» (vol. I, 512). *Efetivamente, «aquilo que torna feliz uma existência é avançar em direção à simplicidade: a simplicidade do nosso coração e a da nossa vida. Para que uma vida seja bela, não é indispensável ter capacidades extraordinárias ou grandes possibilidades: o humilde dom de si próprio torna feliz*» (Frei Roger de Taizé).

Apresentamos alguns dos muitos peregrinos da santidade que viveram na Diocese de Bragança-Miranda:

4.1. Bartolomeu dos Mártires

O Beato Bartolomeu dos Mártires foi Pastor da

comissões de festas, leva a desvirtuar o sentido.

Fazemos festa porque é bom viver e alegrarmos-nos juntos. A festa traz em si mesma a afirmação do valor da vida e da criação, tornando a nossa vida mais humana e mais digna. Efetivamente, como escreveu Maurice Zundel, no poema da Sagrada Liturgia: «*o cristianismo reside essencialmente em Cristo e é mais a sua Pessoa do que a sua doutrina*».

O ponto central de todas as festas cristãs é a celebração da Eucaristia, porque «*as festas dos Santos proclamam as grandes obras de Cristo nos seus servos e oferecem aos fiéis os bons exemplos a imitar*» (*Sacro-sanctum Concilium 111*).

O domingo é o principal dia de festa para os cristãos, o dia de alegria e do repouso, no qual *a Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias*. Desde as origens do cristianismo que se celebra o Domingo.

Mas o dia da festa, seja de Nossa Senhora ou do Santo ou da Santa padroeira da Paróquia, da Unidade Pastoral, do Concelho, do Santuário, da Confraria, da Irmandade enquanto manifestação popular, traz consigo valores antropológicos e cristãos que têm de ser considerados:

- O encontro da família, dos vizinhos e dos amigos;
- A experiência da gratuidade e da liberdade que remete para a transcendência;
- A novena ou tríduo de preparação com a Eucaristia, a Reconciliação, a escuta da Palavra, o rosário, a reflexão, a oração comum;
- A veneração pelos santos;
- A celebração solene da Eucaristia;
- A procissão como ato público de fé e de peregrinação e de expressão da piedade popular;
- A esmola feita com dignidade e discrição sem a os-

a eternidade.

Deus toma sempre a dianteira! Esta é a grande graça e a profunda alegria da fé que nos dá a confiança sem limites. Para quem se sente amado e agraciado pelo amor que Deus é e pelo amor que Deus tem por cada um, tem de fazer o mesmo, isto é, tem de primeirar a vida de quem mais precisa. Quem recebe o Dom pode dá-lo de graça. Só dá quem tem; mas quem tem é porque recebeu primeiro.

O essencial é receber a graça e reconhecer que tudo na vida é graça. Não se trata tanto de fazer alguma coisa mas de hospedar o dom, ou melhor, de hospedar o Doador no coração e na relação da comunidade humana. É sempre assim que acontece na vida de todos os Santos. Foi assim com São José, com São Bento, com Santo Estevão, com São Lourenço, com São Vicente, com Santo Antão, com Santa Catarina, com Santa Escolástica, com Santo Amaro, com Santa Teresa de Ávila, com São Francisco de Assis, com Santa Clara, com Santa Rita de Cássia, com Santo António, com São João Bosco, com São Domingos Sávio, com Santa Paula Frassinetti, com São João Paulo II, com São João XXIII, com Paulo VI, com Teresa de Calcutá, com Bartolomeu dos Mártires, com Bento de Castro, com Nicolau Dinis, com Frei Casimiro, com Chiara Luce e com milhões de Santos e Santas. A lista é infindável e continua hoje, conosco, a inscrição no álbum da santidade.

Deus é quem primeiro ama e oferece a vida. Por isso lhe chamamos Pai e somos filhos muito amados em Cristo no Espírito que habita em nós. A resposta seja a de primeirar na alegria da vida boa e bela do Evangelho.

3.2. Envolver-se

Na sequência do primeiro, aparece como segundo

verbo da pastoral missionária da Igreja em saída, o verbo envolver: «a Igreja sabe «envolver-se». Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: “Sereis felizes se o puserdes em prática” (Jo 13, 17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o «cheiro das ovelhas», e estas escutam a sua voz» (Evangelii Gaudium 24).

Deixar-se envolver pelo amor de Deus e envolver-se no anúncio do Evangelho, na celebração da Liturgia e na prática do Bem, é o enorme desafio que está ao alcance de todas as pessoas que se sentem amadas por Deus.

O grande Padre António Vieira expressou de modo eloquente o sentido pleno de quem se envolve: «o pregar que é falar, faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão; para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras».

Jesus, ao lavar os pés aos seus discípulos, deixou-nos o mandamento novo do amor «amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo 13, 34). Perante a nossa experiência de seres humanos volúveis, limitados e pecadores, este mandato apresenta-se como uma meta inalcançável; é a força que nos espevita a energia e o alento; é uma utopia que nos convida e nos impulsiona; é uma estrela no mar alto da nossa vida, que nos oferece o sentido e a orientação... que não nos deixa perder. É neste mandamento que está a aferição da nossa fidelidade. É sempre antigo e sempre novo, porque só assim nos podemos envolver autenticamente.

Pois as minhas três virtudes, diz Deus. As três virtudes minhas filhas meninas são como as outras minhas criaturas. Da raça dos homens. A Fé é uma Esposa fiel. A Caridade é uma Mãe. Uma mãe ardente, toda coração. Ou uma irmã mais velha que é como uma mãe. Mas a Esperança é uma menina que parece não ser nada. (...) Mas é essa menina que atravessará os mundos. Essa menina de nada. Só ela, guiando as outras, atravessará os mundos revolidos».

Pelos frutos reconhecerão se somos discípulos missionários do Evangelho da Esperança. A confiança na fecundidade da evangelização é dada pela própria Palavra-Pessoa, o Evangelho: «Não fostes vós que Me escolhestes, diz o Senhor. Fui Eu que vos escolhi e vos destinei, para que deis fruto e o vosso fruto permaneça» (Jo 15, 16).

3.5 Festejar

O Papa Francisco ao referir-se aos cinco verbos que caracterizam a Igreja “em saída”, primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar, conclui assim: «Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre “festejar”: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e evangeliza-se com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar» (Evangelii Gaudium 24).

A festa responde a uma necessidade vital do ser humano e tem as suas raízes em Deus. Falo de festa cristã e não apenas de um passatempo que faz parte do circuito comercial e cuja escolha frequente por parte das

lavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos. O discípulo sabe oferecer a vida inteira e jogá-la até ao martírio como testemunho de Jesus Cristo, mas o seu sonho não é estar cheio de inimigos, mas antes que a Palavra seja acolhida e manifeste a sua força libertadora e renovadora».

As atitudes dinâmicas de semear, rezar e testemunhar conduzem ao fruto e fruto em abundância. A fecundidade da fé, como gostavam de dizer os Padres da Igreja, traduz-se em boas obras no quotidiano, mas sobretudo na vida em Jesus Cristo. Ele afirma claramente: *«Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem mim, nada podeis fazer»* (Jo 15, 5).

Permanecer em Cristo é dar fruto e fruto em abundância. A Tradição da Igreja acolhe os frutos do Espírito Santo e sintetiza-os assim: 1. Amor; 2. Alegria; 3. Paz; 4. Paciência; 5. Longanimidade; 6. Benignidade; 7. Bondade; 8. Mansidão; 9. Fé; 10. Modéstia; 11. Continência; 12. Castidade.

Na verdade, há que trabalhar para dar fruto, porque, *«a Igreja está hoje mais do que nunca viva! Mas, reparando bem, parece que tudo está ainda por fazer, o trabalho começa hoje e não acaba nunca. É lei da nossa peregrinação na terra e no tempo»* (Paulo VI, *Ecclesiam Suam* 68).

A terra boa tem de dar frutos, bem como a árvore que tem raízes profundas. Igualmente quem está em Deus tem de frutificar em boas obras.

Frutificar é acreditar na Esperança, como Charles Péguy afirma: *«O que me espanta, diz Deus, é a esperança. E disso não me canso. Essa pequena esperança que parece não ser nada. Essa esperança menina. Imortal.*

O Bispo Hélder da Câmara, de feliz memória, acreditando na utopia de quem se envolve, escreveu: *«Nunca se deve temer a utopia. Agrada-me dizer e repetir: quando se sonha só, é um simples sonho, quando muitos sonham o mesmo sonho, é já a realidade. A utopia partilhada é a mola da história».*

Envolver-se é, ao mesmo tempo, implicar-se na vida com Deus, com os outros e consigo mesmo, para criar a comunhão e frutificar a missão.

A pastoral da saída missionária exige que a Igreja, na sua solicitude, seja sempre casa de inclusão e, como mãe, abraça a todos, especialmente os mais frágeis, os doentes, os pobres, os desempregados, os excluídos, os emigrantes, as pessoas diversamente hábeis, as famílias, as crianças, os jovens, os idosos e quantos precisam de pão, de paz, de dignidade, de alegria e de Esperança.

3.3. Acompanhar

O Papa Francisco diz que a Igreja em saída missionária tem de primeirar e envolver-se e depois é preciso acompanhar: *«Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a “acompanhar”. Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações»* (*Evangelii Gaudium* 24).

Jesus Cristo é o companheiro amigo da humanidade, como a narrativa de Emaús o testemunha (Lc 24, 13-35) e tão expressivamente representado no mosaico do batistério da Catedral. Dois dos seus discípulos caminhavam amargurados e desiludidos; abandonam Jerusalém e, com ela, deixam os sonhos e as esperanças. Com o

coração ferido são incapazes de acolher a alegria transbordante da Páscoa. Enquanto caminham, um ilustre desconhecido peregrino junta-se a eles. Quando tudo parece fracassar, Jesus faz-se companheiro de viagem, acolhendo as confidências, na partilha da vida, da palavra das Escrituras e na fracção do pão. Ser apenas peregrino (*per – agrum*), caminhar pelo campo da vida, ou ser peregrino com Cristo, acolher Cristo e ser acolhedor como Ele, faz toda a diferença.

Um texto de Dietrich Bonhoeffer, teólogo e pastor da Igreja Protestante alemã que pagou com a vida no dia 9 de abril de 1945 a oposição a Hitler, ilumina bem o paradoxo dos destinatários do anúncio do reino: *«Deus está próximo ao que é pequeno, ama o que está perdido, o que é insignificante, aquilo que é frágil, partido. Quando os homens dizem “perdido”, Ele diz “encontrado”; quando os homens dizem “condenado”, Ele diz “salvo”; quando os homens dizem “não”, Ele diz “sim”».*

Quem de nós não se encontrou um dia sobre a estrada de Emaús, com o coração cheio de questões e de esperanças desiludidas? Quem de nós não pensou já abandonar a Igreja? Quantas vezes não pensámos que o Senhor está longe ou está apenas e só na Liturgia e nos sacrários e que caminhamos sozinhos no mundo? Ainda hoje, quando sobre a nossa fé vem a noite escura, Jesus mete-se nos nossos passos, dentro do pó da estrada, e na confiança do nosso coração. O problema não é a ausência de Deus, porque Ele está, mas é a nossa incapacidade em reconhecê-lo e ver o invisível; é o narcisismo e orgulho que concentra tudo sobre nós próprios, e então o coração dobra-se sobre si mesmo.

Peregrinar juntos com Cristo permite ler as páginas do livro da vida com um novo olhar. Se a palavra acolhedora e amiga muda o coração, o pão repartido

muda o olhar dos discípulos missionários, a quem se abrem os olhos para reconhecerem Jesus ao partir do pão, como se exprime a Oração Eucarística V *«sois verdadeiramente Santo e digno de glória, Deus, amigo dos homens, que sempre os acompanhais no seu caminho. Verdadeiramente bendito é o vosso Filho, que está presente no meio de nós quando nos reunimos no seu amor e, como outrora aos discípulos de Emaús, Ele nos explica o sentido da escritura e nos reparte o pão da vida».*

A Igreja quer acompanhar com Cristo, como canta um hino de Vésperas da Liturgia das Horas: *«Na glória do teu rosto contemplamos, Jesus, Filho Unigénito de Deus, a beleza divina que floresce, nas moradas eternas lá dos Céus. (...) Companheiro do homem peregrino, através dos perigos desta vida, conduz os nossos passos, sempre firmes, a caminho da terra prometida».*

A Conferência Episcopal Portuguesa, na referida nota pastoral *Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal*, augurou *«uma Igreja que se faça companheira de viagem dos jovens, sempre atenta aos seus sonhos, anseios e problemas, tendo em conta que os jovens procuram a Igreja, não para se divertirem, mas para se alimentarem interiormente».*

3.4. Frutificar

A Igreja «em saída», apelando ao primeirar, envolver, acompanhar, tem de frutificar: *«Fiel ao dom do Senhor, sabe também “frutificar”. A comunidade evangelizadora mantém-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio. O sementeiro, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reações lastimosas ou alarmistas. Encontra o modo para fazer com que a Pa-*



BRAGANÇA-MIRANDA

CARTA PASTORAL
IX